

## **Estagiário não é bobo**

**Ruy Martins Altenfelder Silva** - presidente do Conselho de Administração do CIEE-SP - Centro de Integração Empresa-Escola

Anúncio de indústria automobilística, veiculado recentemente pelas redes nacionais de televisão, motivou uma série de manifestações de indignação e de repúdio encaminhadas ao Centro de Integração Empresa Escola (CIEE) por jovens que se sentiram constrangidos pelo recurso utilizado pelos criadores da peça publicitária para atrair a atenção dos telespectadores. No anúncio, é ridicularizada a inexperiência de um estagiário, que acaba atirado ao chão e pisoteado por uma multidão de clientes ávidos por comprar um modelo recente de um automóvel da marca. Para finalizar, os colegas "profissionais experientes" olham compadecidos para a triste figura e, em vez de ajudá-lo, saem para um agradável almoço.

Já vítimas de preconceitos descabidos ou de piadinhas de mau gosto, como as expressões escraviário e mão de obra barata, é compreensível a reação dos jovens estudantes a mais uma caracterização apelativa e infeliz. Mais do que compreensível, justificada. Afinal, deveriam merecer respeito e aplausos. Pois, para se tornarem profissionais mais qualificados e aptos a construir uma carreira bem-sucedida, assumem dupla jornada de atividades, acumulando escola e capacitação prática, muitas vezes em situações de grande sacrifício, como mostra o relato abaixo publicado na revista *Agitação* nº 102 (disponível grátis em [www.ciee.org.br](http://www.ciee.org.br)).

O jovem Edmilson Guimarães Nascimento conseguiu realizar um sonho que ninguém de sua família havia atingido. Venceu o vestibular para a Universidade Federal do Maranhão, localizada na cidade de Imperatriz, distante 12 km do município de João Lisboa, onde vivia. Apesar da ajuda dos avós — que já sustentavam sua mãe e três irmãos com o produto de um pequeno roçado — e do trabalho capinando terrenos para completar o custo do transporte, era obrigado a cobrir parte da distância de bicicleta e mais 1 km a pé, tanto na ida quanto na volta da faculdade. Suportou tudo até o quarto semestre, quando chegou a pensar em desistir para trabalhar numa fazenda em Mato Grosso.

A história de Edmilson mudou quando ele foi aprovado para estágio numa empresa em Imperatriz, recebendo a bolsa-auxílio obrigatória, que lhe permitiu até ajudar um pouco no orçamento familiar. Em um ano, assumiu as tarefas de um superior que mudou de emprego, foi efetivado como celetista e saiu para abrir o próprio negócio, um escritório de contabilidade em sociedade com um colega que conheceu no estágio. Hoje, casado e com três filhos, planeja trazer

a mãe para morar em Imperatriz. Qual o crédito do estágio nesse case de sucesso? "Afinal, 70% de tudo que aprendi na minha profissão foi como estagiário", reconhece.

A história desse jovem não é a única que comprova o valor do estágio como eficaz modalidade de qualificação de futuros profissionais. Histórias similares se multiplicam aos milhares há quase meio século por todo o Brasil. Com um valioso resultado: mais de 60% são efetivados ao final do primeiro ou do segundo período de estágio. Isso num país em que o IBGE detecta índices de desemprego de 12,6% na faixa etária dos 20 aos 24 anos e de 22,9% no segmento dos 15 aos 17 anos, enquanto a média nacional de desemprego em todas as idades gira em torno de 6%.

Assim, o estágio não pode nem deve ser avaliado com uma visão apenas laboral. É preciso levar em conta que é uma atividade pedagógica, de complemento à formação acadêmica, com direitos e deveres fixados por lei. Nessa perspectiva, é uma das raras oportunidades que o jovem brasileiro tem para desenvolver suas habilidades pessoais e profissionais, tais como disciplina, espírito de equipe, aprendizado contínuo etc., com isso, qualificando-se para entrar com o pé direito no mercado de trabalho. Pois, como reconhece José Pastore, especialista em relações de trabalho, "as organizações observam bem esse futuro profissional, analisam seu talento e sua competência, investindo, na medida do possível, em seu treinamento para acabar integrando essa pessoa no quadro definitivo. Esse é o indicador muito forte da eficiência do estágio".

Um detalhe que desmente a ideia do escraviário: a média da bolsa-auxílio concedida a estagiários de nível superior no Maranhão é de R\$ 494, enquanto a renda per capita em João Lisboa, onde Edmilson capinava terrenos para pagar o transporte até a faculdade, é de R\$ 346. Os números falam por si sobre o impacto social do estágio no futuro de milhões de jovens, em especial dos de menor renda. E provam que são eles que nada têm de bobos.